

Globo 16-2-75

O DIA A DIA DOS MARIDOS FAMOSOS

Graciliano Ramos afligia-se vendo as filhas metidas em afazeres domésticos: "Vão ler um romance, que é melhor." José Lins do Rego era um emotivo. Portinari pintava vestido de branco e não sujava a roupa. Ivan Serpa gostava de pintar enquanto a família conversava com ele e José Condé adorava cantar serestas. Estes são depoimentos das viúvas desses cinco artistas. (JORNAL DA FAMÍLIA)

COMO SE FAZ UM DICIONÁRIO

Aurélio Buarque de Holanda ainda sonha com um dicionário de 400 mil verbetes. O "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", elaborado por seis dicionaristas sob sua orientação, tem cerca de 150 mil verbetes, incluindo gírias e, por exemplo, 50 acepções do verbo abrir. Em entrevista exclusiva a O GLOBO, mestre Aurélio conta como se faz um dicionário. (O GLOBO DOMINGO)

SETIMON

Senhores da paleta e da palavra, viveram para a sua arte. No dia-a-dia eram assim.

instituto



José Condé

Pernambucano de Caruaru — a que chamava carinhosamente de "meu país" — nascido em 1918, José Condé foi, conforme suas próprias palavras, "um escritor de tradição, entre a literatura pós-modernista de 30 e a geração de 45" — não se considerando um "regionalista", como muitos o classificavam. Aos 10 anos, fundou seu primeiro jornal, manuscrito, na escola. O primeiro livro — *Caminhos na Sombra* — apareceu em 1945, vindo a seguir *Onda Selvagem*, em 1951, ano em que também foi publicado *A História da Cidade Morta*. Fundador do *Jornal das Letras*, José Condé dedicou-se também ao jornalismo. Em 1955 lançou as novelas *Os Dias Antigos*. Em 1959, alcança êxito editorial com *Um Ramo para Luísa*. Escreveu ainda *Terra de Caruaru*, *Vento de Amanhecer em Macambira* (1962); *Noite Contra Noite* (1965); *Pensão Riso da Noite* (1966) e a obra póstuma *As Chuvas*.



José Condé

Para Maria Luísa, companheiro perfeito

Falar sobre José Condé é muito importante para mim. Sinto como se ele estivesse presente, vivo. O assunto é inesgotável e eu poderia passar horas conversando sobre ele. Não sei quantos anos sobreviverei ao Zé. Já lá se vão quase quatro. Posso afirmar que senti, com ele, o sabor gostoso da felicidade. Considerava-me a companheira perfeita, mas era o contrário. Ele o companheiro perfeito. Soube conduzir as coisas para melhor construir a trilha da chamada vida a dois, com todas as sensações do inesperado, todas as identificações de um percurso em comum, todos os encontros do emocional com o racional, exigidos pelo cotidiano, sem a pequenez da rotina e com dimensões de grandeza. Nossa casa era alegre e movimentada com nossos amigos e os amigos das crianças. Era lá o consulado dos nordestinos que vinham fazer o Rio. Para eles, havia sempre uma palavra de estímulo, a hospedagem, a ajuda, a promessa ou o próprio emprego. Gostava de casa arrumada e de comprar coisas para casa. Tinha prazer em

viver bem, em uma boa mesa e em receber. Tudo constituía pretexto para uma reunião. Havia festas até nos aniversários dos nossos cachorros. Era uma criança grande quer aos construir castelos, nem sempre realizáveis, quer na incapacidade de previsão e apego aos bens materiais.

Seus grandes amores: eu e os filhos (Maria Regina, Vera Maria e Fernando Antônio) constituíam motivo constante de sua vida, a ponto de não sentir prazer em viajar ou fazer qualquer programa sem mim ou sem um deles. Sempre estávamos juntos. Somente nos separávamos quando ambos saíam para seus respectivos trabalhos. Amava os animais, aos quais tratava como se fossem pessoas. Nossos dois cachorros, Teddy e Pepito, eram como seus filhos a quem estragava, mimava e deseducava. Foram, ambos, seus companheiros na saúde e na doença. (Teddy morreu oito meses depois dele, creio que não suportando sua falta, pois não se podia pronunciar seu nome que saía pela casa procurando-o). No nosso sítio, não deixava matar galinhas e patos que criávamos. Abrigava todos os cães sem dono da redondeza.

Dormia oito horas por noite. Quando acordava, primeiro tomava um cafezinho, acendia um cigarro e lia os jornais. Depois, pedia um copo de leite gelado, brincava com os cachorros ou provocava-os. Dava vários telefonemas a amigos do mundo das letras e entrava em seu gabinete para escrever. Trabalhava em casa na parte da manhã. Vez por outra, chamava a copeira, pedia um café, uma fruta ou suco. O almoço era a sua 1.ª refeição sólida. Gostava de escrever à máquina ouvindo música. Conforme seu estado de espírito ouvia Mozart, Haendel, Bach, Haydn, Beethoven, Schubert, Brahms, Chopin, Vivaldi, Scarlatti, Tchaikowsky, Liszt e Rimsky-Korsakow. Escutava com frequência uns prelúdios de Bach, em cravo, interpretados por Wanda Landowska. Nas reuniões em casa colocava música popular brasileira. Adorava cantar serestas. Ouvia, também, americanas, canções francesas e, logicamente, o frevo. Depois do almoço, saía para o jornal e para o INPS, de onde era Procurador. Gostava da noite e saíamos muito.

Os cachorros, pela manhã, faziam ponto no seu gabinete de trabalho. Ele na máquina, um deitado em seus pés e o outro numa marquês ou poltrona ao lado da mesa, num revezamento contínuo. Depois de doente, saindo pouco de casa, vieram novos hábitos, mas Teddy e Pepito sempre lhe fazendo companhia. Onde estivesse, deitavam-se a seu lado, nas horas de repouso, na poltrona ou no "soutier" do quarto, ou brincavam no jardim da casa enquanto ele ia sentar numa "chaise-longue" que havia na varanda. Naquela fase, escreveu dois livros, recostado na cama com uma tábua onde prendia o papel. Não admitia que se falasse sobre a vida dos outros e detestava injustiças e ingratidões.

Lia muito, sobretudo antes de dormir. Não dormia sem ler e sem rezar. Era uma estranha oração. Não era religioso e ignorava quaisquer textos prontos até mesmo, creio, uma Ave-Maria. Mas rezava. Rezava e benzia-se. Ficava aborrecido porque nós (as crianças e eu nos divertíamos com a cena). Parecia uma carpi-deira do Nordeste: rezando e benzendo-se, com os lábios mexendo. Suas orações eram dirigidas aos vivos, sobretudo aos filhos, e a uma frota de mortos bastante eclética: amigos de infância, amigos recentes, parentes, D. Pedro II, Tiradentes, Dantas Barreto (ex-governador de Pernambuco), a Princesa Isabel, um garçon da pensão onde morou quando estudante de direito, Mozart, duas ex-escravas de seus avós, alguns vultos da Revolução Francesa, e até, nos últimos meses de vida, a amigos queridos recentemente falecidos: Eneida e Nestor de Holanda.

Creio que dei um "flash" das 24 horas na rotina de José Condé. Por aqui a gente vai se lembrando dele e podendo constatar que suas qualidades suplantavam os defeitos. A mim, deixou uma grande lição de vida com sua beleza interior e com as suas qualidades de gente.

Buscando nos mais línguos momentos de

nossa vida em comum, numa tentativa de recompor aqueles anos vividos juntos, dele encontro uma grande e imensa queixa: a de não ter podido levar-me na única viagem que fez sem mim — aquela terrível, que não tem volta — abrindo-me o caminho da solidão e dando-me a dimensão do só. Deixando-me, apenas, a certeza de poder afirmar que fomos felizes, graças ao que tenho uma grande bagagem de forças para tocar para a frente.

Maria Luísa Condé

Ivan Serpa

Caroca, nascido em 1923, fundador — há mais de vinte anos — de um curso de pintura para crianças, Ivan Serpa foi um dos mais criativos pintores brasileiros, pondo sempre sua autenticidade acima de qualquer concessão. Era professor de Francês em 1947, quando começou a pintar. Foi aluno de Axel Leskcochek, ganhando em 1951 o Prêmio Jovem Artista Brasileiro, na I Bienal de São Paulo. Sempre atendendo às suas necessidades de expressão interior, evoluiu do concretismo para a "fase negra" — uma de suas melhores criações — de 1963 e 1964, em que desenhava "quase monstros" representando os principais problemas do mundo. Ganhador de vários prêmios, expôs em diversos países. Ao morrer, a 19 de abril de 1973, dedicava-se à pintura erótica.



Ivan Serpa

Lygia: ele foi um pai para os seus alunos

O traço característico do Ivan (além da pintura), o professor? Mas ele negava sempre este título, nunca se considerou um professor, e poucos terão tanto direito quanto ele de assim ser chamado. Quantas vezes uma pergunta de um filho ou mesmo uma notícia no rádio ou televisão e ele, sem perceber, discorria sobre o assunto — e tanto eu quanto os filhos ficávamos absorvidos ouvindo-o falar. Que ótimo professor de história. Ele falava sobre qualquer guerra ou

acontecimento histórico fluentemente, mas o fazia não de uma forma didática e sim como se ele estivesse presentemente no acontecimento ou mesmo tivesse tomado parte ativa. E geografia? Matéria que sempre detestei, quantas das vezes, enquanto ele pintava, eu ajudava nossos filhos em trabalhos escolares e, na hora dos mapas, enquanto eu ficava quase dóida para localizar um local qualquer da África ou Ásia, ele de longe apontava e dizia "deve ser mais ou menos aqui", e não dava outra coisa. E o professor de pintura? Melhor fariam os próprios alunos.

O pai? Sim, talvez a sua qualidade mais humana, ele foi como um pai para vários de seus alunos. Além das aulas, arranjava Boisas de Estudo e, quantas vezes, até mesmo dinheiro para as passagens. Pai de tres filhos por quem daria a vida se preciso fosse, não titubeou em aceitar em nossa casa uma pobre criatura cardíaca, mãe de três filhos, cujo barraco caíra com as chuvas. A menor veio da maternidade diretamente para nossa casa e sempre o chamou papai. Este pai amorosíssimo, nos seus últimos dias de vida me recomendou: — Lygia, se procurares economizar, as nossas filhas pretas podem continuar aqui em nossa casa, eu não gostaria que nada lhes faltasse. "Quando um filho adoece, ele passava as noites quase sem dormir para ver se estava bem coberto, se a febre já havia passado etc.

O amigo? eu daria a palavra a amigos de mais de vinte anos, como Jayme Maurício, Palatnik, Niomar Moniz Sodré, Alfredo Souto de Almeida, Orlando Bessa, Thomaz Estrela, Clarivaldo do Prado Valadares, Coelho Louzada, Décio Vieira, Edna Savaget, Moises Dueck, Flávia Silveira Lobo, Helo Oiticica, a minha querida Dra. Nise da Silveira e tantos outros. De menos de vinte anos eu daria o testemunho de Paulo Lima, Ari Macedo, Jacques Houli, Clovis Latini, Orlando de Carvalho, Giovanna Bonino, Guima, Samuel Scheikman, Del Santo, Ugo Hauler e não acabaria mais a lista destes. Estão sempre em contato comigo. De propósito não citei os alunos, quase todos, na sua maioria, amigos até hoje.

O companheiro, o amante, mais amante que companheiro, sim o companheiro tinha que dividir suas atenções com a arte rival que eu aprendi a amar, mas quando o amante estava presente, tudo o mais não tinha sentido, ele era perfeito.

Ivan sempre teve seu atelier, mas pintava em qualquer parte da casa. Ele gostava de sentir nossa presença, nunca se isolou para trabalhar, gostava quando comentávamos seus quadros. Houve passagens muito interessantes em nossas vidas, uma delas foi na época em que nossos filhos estavam a fim de pintar tudo, ele então disse ótimo, vou preparar uma parede para vocês, e não houve tinta nem pincel que chegasse, durante anos tivemos aquele muro pintado pelos nossos filhos, até que uma infiltração na parede do vizinho nos obrigou a levantar outro muro. Nessa época os filhos, já crescidos, não se interessaram mais em pintar, foi uma pena.

Ivan praticamente nunca fez preço para os seus quadros, e sim os próprios amigos pagavam quanto queriam e como podiam. O importante para ele era pintar. Agora, quando a família pedia para não vender determinado quadro, não havia oferta no mundo que o fizesse vender. Os colecionadores que o digam.

O sonho do Ivan (como artista) era ter um apartamento ou umas três ou quatro salas para os alunos se reunirem, discutirem arte, pintarem, sem pagar coisa alguma, e ele quase conseguiu.

Este o homem com quem convivi durante quase vinte e cinco anos e a quem aprendi a amar e admirar.

Lygia Serpa

Continua na 2ª página

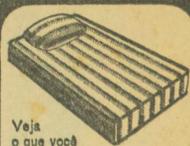
O GLOBO

EXCLUSIVO

MÓVEIS

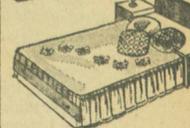
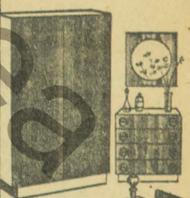
you ganha mais em

ruy mafra



Veja o que você ganha na compra de um colchão e travesseiro SUAVESPUMA TRORION por apenas 11 x 249, mensais a/entrada

GRÁTIS novo DORMITÓRIO LAMINADO



TROQUE:

Seu móvel usado vale como parte do pagamento. Informações:

232-0596

ruy mafra s.a.

R. Barata Ribeiro 153 • R. Humaitá 122 • R. Comendador Bonfim 277 • R. Cardoso de Moraes 218 • Av. Monsenhor Faria 158 • R. Aristides Lobo 134 • R. Estácio de Sá 124/140 e 165 (3 lojas)